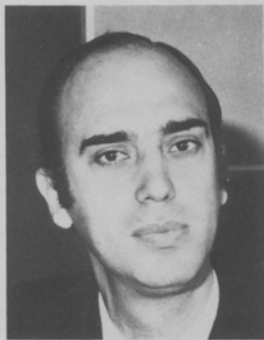


# MARCO MACIEL

FILINTO MÜLLER  
E A POLÍTICA



II AÇÃO PARLAMENTAR



**SENADOR MARCO MACIEL**

**FILINTO MÜLLER E  
A POLÍTICA**

**11 — AÇÃO PARLAMENTAR**

**BRASÍLIA — 1983**



*Ceifada sua vida humana, permanece viva, perene a memória do Senador Filinto Müller, a ser indelevelmente cultuada não só entre aqueles que o conheciam, o estimavam, o admiravam, mas todo o País e suas instituições.*

*À sua memória rendemos agora um preito de saudade e colhemos as lições do seu exemplo tão úteis à Nação e ao seu evolver histórico.*



## FILINTO MÜLLER

Tive a oportunidade de, representando esta Casa — por honrosa delegação do Presidente Nilo Coelho —, participar das solenidades realizadas em Cuiabá pela passagem dos dez anos da morte do Senador Filinto Müller.

Além dos eventos patrocinados pelo Governo do Estado, através de sua Secretaria de Educação e Cultura, a Assembléia Legislativa de Mato Grosso, presidida pelo Deputado Ubiratam Spinelli, promoveu a Instituição da Comenda “Filinto Müller” destinada a agraciar ilustres pessoas que, pela relevância dos serviços prestados, se fizeram merecedoras de reconhecimento.

Na ocasião, foi outorgada a destacadas pessoas a referida condecoração, valendo mencionar — ao lado do Governador Júlio Campos, políticos e parlamentares — as duas filhas daquele que empresta o nome à comenda: **Rita Müller Braga e Maria Luiza Müller de Almeida.**

Durante a citada Sessão tive o ensejo de expressar o sentimento do Senado Federal em exaltar a memória de Filinto Müller, fazendo com que o seu pensamento e ação não caíssem no esquecimento.

A memória, Sr. Presidente, é, como se sabe, o grande dom do espírito e um dos mais nobres atributos humanos.

Como tão bem assinalou Chesterton, o grande escritor inglês, “todos os homens na história que fizeram alguma coisa pelo futuro tinham os olhos postos no passado. (...) O porvir é uma medusa; o homem só o pode ver espelhado no brilhante espelho do outrora...”

Da nobreza da memória segue-se a virtude da fidelidade — esse fio, tênue e fortíssimo, que se urde e se tece na memória dos homens. É uma lei moral básica, inserida no próprio âmago da transcendência humana.

Tendo me tornado seu amigo, inobstante a distância das nossas gerações, o Senador Filinto Müller, que admirei intensa e extensamente, era político integral, diria melhor: político brasileiro integral, voltado inteiramente para os problemas do nosso País; imbuído profundamente dos valores da brasilidade, e ao mesmo tempo, dotado de uma consciência telúrica e do mais vivo sentimento da sua terra natal.

Eleito Deputado à Câmara Federal por Pernambuco, vim a conhecê-lo prestes a empossar-se presidente do meu partido, Senador novamente reeleito,

já em pleno meio-dia da sua brilhante carreira, personagem de grande vulto no cenário político nacional, protagonista legendário de muitos episódios cruciais da nossa história recente.

Testemunho comovido o acolhimento magnânimo e cordial dado pelo Líder experiente e vivido ao parlamentar recém-chegado, de uma outra geração, oriundo de um outro quadrante brasileiro, muito distante do seu rincão. Do convívio partidário, que se transportou para o plano afetivo e familiar, pude haurir lições preciosas.

## O POLÍTICO FILINTO

Político afeito à rigorosa disciplina partidária, tinha “o senso grave da ordem” — para evocar a conhecida fórmula — sem que lhe faltasse “o anseio irremediável da liberdade”.

Não deixa de ser significativa a participação corajosa de Filinto Müller, jovem militar idealista, em 1922 e 1924, em dois movimentos revolucionários, que culminaram por levá-lo em retirada para os sertões do Paraná (inóspitos naquela época) e depois para o exílio na Argentina.

Datariam de então as suas primeiras e agudas preocupações políticas e, toda evidência, a sua visão primordial se polarizava por uma modificação profunda do **statu quo** sócio-político-econômico da primeira república.

O seu “tenentismo” o faria participar ativamente da revolução de 1930 e é, a partir da vitória do movimento que então empolgara toda a nação brasileira, que começará a vida pública desse mato-grossense que se batia por ideais de renovação do nosso País.

Entretanto, a sua carreira política propriamente dita se iniciaria — assim penso — em 1945, quando seria eleito senador por seu estado, na legenda do Partido Social Democrático, de cuja formação participou.

Viria a eleger-se Senador em mandatos quase todos consecutivos; e integraria as mais diversas comissões do Senado, ao qual presidiria em mais de uma ocasião, em legislaturas diversas, ao longo da sua proffuca e brilhante passagem pelo Congresso Nacional.

Por quase três décadas de ativa, diuturna, infatigável vivência no Parlamento brasileiro, ele seria, até o seu brusco e dramático desaparecimento em acidente aeronáutico em Paris, um político integral, arquetípico, incansavelmente dedicado ao seu múnus público, debruçado por inteiro sobre os problemas da vida nacional.

Chamavam os antigos **aetas plena** à idade em que o homem terminou o seu crescimento e pode reger-se por seu próprio conselho. Aquele que, já em plena posse de seu poder e sua mensagem, é capaz de viver e pensar por si só, pode, se-



gundo a imagem de Horácio, “nadar sem cortiça” — *sine cortice nare*. É quando se está, em via de regra, na fase outonal, na estação das frutas maduras.

Filinto Müller, se quisermos usar essa metáfora, era um desses políticos em **actas plena**, sazornado por uma larga experiência vivida, dos homens e dos fatos.

Dai que o primeiro sentimento do parlamentar pernambucano que se iniciava nas lides federais, naquele já tão distante e ainda tão próximo 1971, tenha sido o da admiração — que logo se desdobraria em reconhecimento pelas atenções com que lhe cumulava, pela receptividade com que acolhia o nordestino impregnado da lição de Nabuco, para quem a política, no sentido autêntico do termo, é uma atividade missionária.

Nele sempre admirei o dom da objetividade que é tão indispensável a quem aspira fazer obra fecunda e duradoura.

A sua inteligência se alicerçava em uma base sólida de ponderação — e de certo modo a ponderação é a essência do pensamento, já que o pensar somente adquire consistência no sopesar dialético das oposições, dos temperamentos, das alternativas.

Ante uma situação concreta, dessas que soem ocorrer na vida partidária e nas lides políticas, mormente em nosso País (face as circunstâncias notoriamente conhecidas da nossa história recente) era sugestivo contemplá-lo, ouvindo, vendo, analisando os dados disponíveis, os fatos na sua compacta objetividade, ponderá-los serenamente antes de adotar uma decisão.

Possuía, ademais, outra qualidade — extremamente valiosa no universo mutável e complexo da política: uma intuição certa, uma espécie de sexto sentido que penetra sem que julgue, que vê sem ter que olhar, que conclui sem ter que argumentar. Desse modo, ante fatos que pareciam muitas vezes evidentes, mantinha-se reservado, porque a ele, ainda que lhes não negasse a aparente facticidade, não conseguiam convencê-lo — e raramente as circunstâncias supervenientes deixavam de lhe dar razão.

Habitualmente, porém, raciocinava à vista dos fatos, com um senso de exatidão e objetividade quase, por assim dizer, científicas. Nessas condições, o seu realismo político tinha um nível de exemplaridade dificilmente igualável.

Cumprir observar, entretanto, que esse realismo, essa aguda noção da facticidade inerente às estratégias e táticas políticas, não anulava, nem diluía, os valores e os ideais do melhor civismo, que impregnavam a sua conduta pessoal e a sua atuação pública.

Ele buscava, fora de qualquer dúvida, o fortalecimento da democracia, o aperfeiçoamento das instituições políticas, por entender que esse era o verdadeiro caminho do engrandecimento e desenvolvimento do nosso País.

Político integral, sabia que a política somente pode sobreviver, sem mutilações descaracterizadas, num clima de diálogo, de convivência dos contrários,

do debate parlamentar, da vida partidária, exercitada sem esmorecimentos, em tempo e contratempo.

A dignificação do parlamento — a instituição contemporânea por excelência, o fórum de debates de uma nação, a instância máxima do regime democrático, visto que assegura, pelo menos, um mínimo de coincidência, entre a sociedade e o seu governo — integrava o repertório das suas preocupações.

Por tudo isso, o seu realismo político (ao qual não faltava, é certo, algo daquela engenhosa virtude que falava o florentino) conjugava-se, sem colisões, com o idealismo dos valores que preconizava — e que consubstanciava, em última análise, o sentido geral, global, da sua visão cívica, do seu alto sentido de brasilidade.

O terreno dos acordos e tratativas, esse húmus tão característico da política, era cultivado pelo Senador com cuidados e zelos que evocavam um saber de experiência imemorial. Nesse particular, em que pese o seu indiscutível senso de comando e de liderança, era dotado daquelas virtudes de tolerância e equilíbrio, que, na lição lapidar de Milton Campos, “Não satisfazem à natural vaidade dos homens, nem bastam aos heróis, mas são as virtudes essenciais ao convívio humano”.

Sabia ser compreensivo ante as vicissitudes naturais de um processo histórico — como o nosso —, que tem as suas peculiaridades diante das quais é mister saber esperar os resultados lentamente decantados de uma pedagogia democrática — uma pedagogia onímoda e paciente, a ser posta em prática, sem esmorecimentos, pelos militantes da política.

Sóbrio nas atitudes e gestos, perseverava, ostensivamente ou em surdina, nos esforços para semear esse terreno natural do regime democrático.

Na democracia via um vínculo de convivência social e também um ideal ético, na medida em que é o regime dos negócios públicos fiscalizados pela opinião pública, tendente, por isso mesmo, a criar iguais condições de dignidade para todos os cidadãos.

A Política era para ele um serviço abnegado, um puro dom da sociabilidade, que nada tinha de feição mundana ou superficial na sua personalidade austera, espelhada em semblante e atitudes de uma altanaria quase aristocrática. E nisto residia uma originalidade do seu temperamento, ou mesmo paradoxo do caráter, pois era homem social modelo, do qual emanavam atos, palavras e gestos de uma simpatia e cordialidade verdadeiramente admiráveis.

“Donde llegaba ponía orden, síntoma supremo del-gran político” — dizia Ortega y Gasset de Mirabeau no seu precioso ensaio sobre a essência do político. É o que se observava de imediato, pode-se afirmar, como uma das qualidades fundamentais do homem público que era Filinto Müller.

Ele não era um político que encarasse a sua carreira como uma ocupação episódica, uma atividade paralela, acessória, complementar — ou, equivooca-

mente, subalterna a outros interesses. Não a utilizava como um trampolim ou como um “lobby” privilegiado; pelo contrário, ele era um político por vocação medular.

Tinha o conhecimento exato, o senso inato, da substantividade e especificidade da política — que é inconfundível com outras atividades e refoge aos reducionismos com que a querem minimizar sectarismos ideológicos ou posturas radicais.

## TELURISMO

Esse o retrato de Filinto Müller, político notável, que representava admiravelmente a sua terra natal, esse Mato Grosso que, dia-a-dia, afirma, mais e mais, a sua presença pujante e o seu perfil de esperanças no cenário nacional.

O Mato Grosso que já dera ao Brasil figuras extraordinárias de exemplaridade cívica, como o Marechal Cândido Rondon e o Presidente Eurico Dutra, o Mato Grosso que é essa nova fronteira das expectativas nacionais, o Mato Grosso foi sempre também o horizonte vital das preocupações mais intensas do seu senador.

Recordo a sempre lembrada passagem da autobiografia daquele grande pernambucano que foi Joaquim Nabuco, um arquétipo da própria pernambucidade, quando dizia que “o traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir sem o saber... Nunca se me retira da vista esse pano de fundo que representa os últimos longes da minha vida.” (Minha formação, C. XX)

De Filinto Müller pode-se dizer que nunca se lhe retirava da vista as imagens vivas, telúricas, do seu Mato Grosso, da sua gente e da sua paisagem natal — das quais guardava sempre uma recordação sempre renovada e sempre comovida.

Homem de convicções, era como um tronco sólido que se erguia altaneiro, o fronde aberto aos ventos da vida, mas, seguramente, firmado em raízes profundas donde absorvia a seiva vital que lhe dava inteireza, força e caráter.

Quis o destino, nos seus estranhos desígnios, que o Senador Filinto Müller sucumbisse tragicamente em capital estrangeira, longe, muito longe, portanto, do seu Brasil e da sua terra natal.

Ceifada sua vida humana, permanece viva, perene, sua memória a ser indelevelmente cultuada, não só entre aqueles que o conheciam, o estimavam, o admiravam, mas todo o País e suas instituições.

À sua memória rendemos agora um preito de saudade e colhemos as lições do seu exemplo tão úteis à Nação e ao seu evolver histórico.

Por todas estas razões é que resolvi trazer ao conhecimento desta Casa — para que fique gravado em seus Anais — as homenagens que os Poderes Execu-

tivo e Legislativo de Mato Grosso prestaram ao antigo membro do Senado Federal.

Acredito, também, que esta homenagem tenha servido para refletirmos sobre os ensinamentos que Filinto Müller nos legou como cidadão e político voltado integralmente para o bem do País, seu povo e suas instituições.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente e Srs. Senadores. (Muito bem!)

## **AÇÃO PARLAMENTAR**

Plaquetas publicadas

- 1 — Cem anos de República
- 2 — Informática e Desenvolvimento
- 3 — Importância do Mar e Presença na Antártica
- 4 — Nordeste: o Semi-árido
- 5 — Reforma Tributária
- 6 — Ciência e Tecnologia
- 7 — Desenvolvimento Urbano
- 8 — Sucro-álcool-Química: Nova Fronteira Econômica
- 9 — Simplificação das Leis
- 10 — Participação do Congresso na Política Externa

Endereço para correspondência:  
Senado Federal  
Gabinete nº 01  
CEP 70160 — Brasília (DF)





